



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHIS**

**HISTÓRIAS DE PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM MÍDIAS
DIGITAIS: MISOGINIA E CYBERCRIMES NO BLOG MACHISMO
ESCLARECIDO (2010/2017)**

LAURA BEATRIZ BARBOSA DE LIMA SILVA

CAMPINA GRANDE – PB

2024

LAURA BEATRIZ BARBOSA DE LIMA SILVA

HISTÓRIAS DE PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM MÍDIAS
DIGITAIS: MISOGINIA E CYBERCRIMES NO BLOG MACHISMO
ESCLARECIDO (2010/2017)

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra^o Silede Leila Oliveira Cavalcanti

CAMPINA GRANDE - PB

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar essa monografia as seguintes pessoas:

A minha mãe, minha tia Ana e minhas duas avós Maria e Inês, que sempre na medida do possível me apoiaram e nunca me permitiram desistir, apesar dos obstáculos ao longo desses cinco anos.

Ao meu noivo Tiago que desde que me conheceu se tornou meu apoiador fervoroso, e esteve comigo nos momentos mais críticos e complicados dessa jornada, e também sua família, mãe, pai, irmã e cunhado, que me receberam de braços abertos.

Aos meus fieis e amados amigos que dividiram essa trajetória comigo, as alegrias e desafios. Saibam que fizeram meus dias mais alegres e os momentos vividos jamais esquecerei: Andrielle, Jackson, Manoel e Pedro. Agradeço também a Gilmara, Débora, Ana Cecília e Andreza. Vocês foram essenciais e necessários durante minha vida acadêmica.

Meus agradecimentos também se estendem aos meus supervisores de estágios, Professores Maria José Barbosa, e Paulo Higor que compartilharam seus aprendizados e sempre se mostraram muito solícitos.

Aos professores da unidade de História da UFCG, em especial professora Silede, que me guiou durante o PIBID e tornou-se minha orientadora, seu trabalho apenas me engrateceu como indivíduo e profissional. Agradeço pelas orientações pois sem elas, esse trabalho não seria possível.

“O problema com a questão de gênero é que ela dita como nós devíamos ser, ao invés de reconhecer como nós somos. Imagine como seríamos mais felizes, o quão livres seríamos para sermos nós mesmos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero”.
(Chimamanda Ngozi Adichie)

RESUMO

Este trabalho foca na análise da linguagem utilizada nos textos do blog "Machismo Esclarecido" que foi inicializado em 2010 e publicou até o ano de 2017, evidenciando como ela reproduz preconceitos de gênero e se configura como violência digital. Um dos objetivos é destacar a desvalorização da condição dos papéis femininos e comparar com outros discursos nas mídias tradicionais como os jornais. O texto investiga a intersecção entre tecnologia, história digital e história das mulheres, analisando a Revolução da Comunicação e o surgimento da internet. A metodologia adotada é uma análise de discursos com o blog sendo a principal fonte de pesquisa. Dialogamos com autores como José D'Assunção Barros (2022) para tratar sobre a História Digital, Simone de Beauvoir (2009) com seu conceito de construção de gênero e Mary Del Priore (2020) para compreender as conexões entre História Digital, História das Mulheres, gênero e patriarcalismo, além de Durval Muniz de Albuquerque (1999) para tratar sobre masculinidade. Evidencia-se a importância de trabalharmos com uma fonte nato digital como um blog e sua relevância, já que fontes natas digitais ainda são marginalizadas por parte da historiografia em prol de uma mídia vista como tradicional.

Palavras-chave: História digital; Violência digital; Mídias digitais; Gênero.

ABSTRACT

This work focuses on the analysis of the language used in the texts of the blog "Machismo Esclarecido" which was started in 2010 and published until 2017, highlighting how it reproduces gender prejudices and configures itself as digital violence. One of the objectives is to highlight the devaluation of the condition of female roles and compare it with other discourses in traditional media such as newspapers. The text investigates the intersection between technology, digital history and women's history, analyzing the Communication Revolution and the emergence of the internet. The methodology adopted is a discourse analysis with the blog being the main source of research. We dialogue with authors such as José D'Assunção Barros (2022) to discuss Digital History, Simone de Beauvoir (2009) with her concept of gender construction and Mary Del Priore (2020) to understand the connections between Digital History, Women's History, gender and patriarchalism, in addition to Durval Muniz de Albuquerque (1999) to address masculinity. The importance of working with a natural digital source such as a blog and its relevance is evident, as natural digital sources are still marginalized by part of historiography in favor of a media seen as traditional.

Keywords: Digital History; Digital violence; Digital media; Gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Recorte de notícia do jornal “O Pioneiro” de 1990	35
Figura 2. Livro “Só para mulheres”	36
Figura 3. Postagem do ano de 2011	42
Figura 4. Postagem do ano de 2011	43
Figura 5. Postagem do ano de 2012	44
Figura 6. Postagem do ano de 2013	46
Figura 7. Postagem do ano de 2017	48

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A REVOLUÇÃO DIGITAL E A HISTÓRIA DIGITAL: NOVAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E NOVAS CONCEPÇÕES DE FONTES E DE CONHECIMENTO HISTÓRICO.....	14
2.1 A historiografia e as novas tecnologias de informação e comunicação.....	18
3. FONTES DIGITAIS OU FONTES DIGITALIZADAS? A INTERNET COMO TERRA DE NINGUÉM OU COMO ESPAÇO DE INTERVENÇÃO LEGAL?.....	25
3.1 Violência de gênero na mídia tradicional e digital.....	29
4. MACHISMO ESCLARECIDO: O APAGÃO DA SENSATEZ.....	39
4.1 Machismo esclarecido e a reprodução da misoginia.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
6. REFERÊNCIAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

É importante salientar que analisar eventos recentes em nossa História, se mostra um trabalho árduo. A proximidade com a nossa realidade muitas vezes pode gerar um estranhamento e incomodo, pois, ter algo tão palpável como fonte de estudo, principalmente quando junto a História está a tecnologia. Fato é que a tecnologia ainda se mostra ser um campo ainda pouco explorado por historiadores, principalmente no tocante a violência digital que os meios de comunicação criados pelo advento da internet podem vir a propagar.

O campo de estudos dos historiadores está em constante transformação conforme a sociedade se desenvolve, mas a internet representa um fenômeno singular que redefine a atual geração. Desde o seu surgimento, essa tecnologia não apenas se difundiu rapidamente, mas também se consolidou como uma força hegemônica que permeia todos os aspectos da vida contemporânea. A internet, ao eliminar barreiras geográficas e sociais, tornou-se essencial para a vida cotidiana, sendo tão integrada ao nosso dia a dia que, muitas vezes passa despercebida, operando de forma quase automática. Seja por meio de aplicativos de relacionamento, transporte ou entretenimento, ela está onipresente na rotina humana. Considerando sua vasta influência, este trabalho também investigará como a internet não apenas armazena um volume incalculável de fontes históricas, mas também transforma cada usuário em um agente da história do tempo presente, participando ativamente da construção e registro de narrativas contemporâneas.

A sociedade tem uma longa história de adaptação às novas tecnologias, desde os tempos pré-históricos, quando o homem desenvolveu técnicas e inventos para garantir sua sobrevivência. Isso nos leva a refletir sobre o que realmente significa "novo". Diariamente, os seres humanos se dedicam à criação e inovação, buscando, quem sabe, revolucionar seu contexto social. No entanto, muitas vezes, essas inovações são feitas com o foco na otimização dos afazeres diários, sem contar com os imprevistos que podem vir a ser consequência

Este trabalho não pretende demonizar a tecnologia, pelo contrário, busca analisar como algo aparentemente simples, como um blog, pode ser utilizado para propagar ideias que muitas vezes não encontram espaço em nosso

cotidiano. O objetivo é evidenciar o potencial das mídias digitais como ferramentas de expressão e reflexão, permitindo que diferentes perspectivas sejam articuladas e compartilhadas. Assim, mesmo plataformas que parecem corriqueiras desempenham um papel significativo na formação e disseminação de discursos que desafiam as normas estabelecidas.

Compreender como a internet e as fontes nela presentes impactam a historiografia contemporânea é fundamental. A intersecção entre tecnologia e gênero, por exemplo, oferece novas lentes para interpretar os processos históricos e sociais. O estudo das novas mídias e suas implicações permite expandir o campo historiográfico, reconhecendo a multiplicidade de vozes e narrativas que emergem nesses espaços. A internet, ao descentralizar a produção e o acesso à informação, transforma-se em um campo fértil para a construção e desconstrução de memórias e identidades.

A historiografia, portanto, precisa se adaptar a essas novas formas de comunicação e representação. Métodos de pesquisa e análise devem ser ampliados para considerar o conteúdo digital e a dinâmica das mídias sociais. Ao integrar esses novos elementos, a historiografia contemporânea poderá captar melhor as nuances e complexidades das narrativas atuais, reconhecendo a importância das mídias digitais na construção do conhecimento histórico e na formação de uma consciência crítica sobre o presente.

No âmbito político, as plataformas digitais oferecem um espaço para a expressão de opiniões marginalizadas ou alternativas, influenciando o debate público e a formação de opinião. Mesmo blogs direcionados a nichos específicos, como o analisado nesta pesquisa, podem alcançar um público relevante e exercer impacto sobre comportamentos e percepções. Socialmente, essa dinâmica está intimamente ligada ao contexto educacional e curricular, uma vez que questões relacionadas à tecnologia e gênero estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano. A inclusão dessas discussões nos ambientes acadêmicos, desde a educação básica até o ensino superior, evidencia a necessidade de preparar os indivíduos para interagir criticamente com a tecnologia desde cedo, compreendendo seu papel na sociedade e na formação de subjetividades.

Este trabalho tem como tema principal analisar como uma mídia digital ainda pode utilizar seu alcance para reproduzir preconceitos de gênero. A

curiosidade sobre esse tema, se deu após conhecer o podcast Praia dos Ossos¹, que tem por objetivo explicar o assassinato e dar voz a Ângela Diniz, que foi vítima de seu companheiro que alegou legítima defesa da honra em 1976. O podcast, ao longo de seus episódios destaca como a mídia da época retratou a figura de Ângela, uma mulher selvagem, e promíscua, que era conhecida com o apelido de pantera de Minas. A legítima defesa da honra por muito tempo foi utilizada por advogados para conseguir a absolvição de seus clientes que haviam assassinado suas esposas e companheiras. O relevante nesta história é que não há relatos de que mulheres foram inocentadas por esse argumento, e apenas em 2021 o STF brasileiro firmou entendimento de que esse argumento não poderia ser utilizado nos julgamentos, pois réus por feminicídio estavam sendo inocentados.

A forma aos quais os meios de comunicações se referenciavam a ela, demonstraram maior preocupação em relatar com quantos homens ela possivelmente teria dormido, do que pela natureza cruel de sua morte. Dessa forma agiram como ferramenta para manipular a opinião do público, onde muitos ficaram ao lado do assassino, que em um de seus julgamentos foi absolvido por legítima defesa da honra. No entanto, quis trazer essa temática para os tempos contemporâneos, e em como a linguagem que era expressa em jornais da época, agora também poderia ser encontrada uma mídia alternativa como o blog.

A partir dos estudos do historiador José D'Assunção Barros (2022) sobre História Digital, foi possível estabelecer uma linha teórica acerca das fontes digitais, integrando as contribuições de outros autores, como Fábio Chang de Almeida. O arcabouço teórico e metodológico deste trabalho também se fundamenta em estudos de gênero, com base em obras de Mary Del Priore, que explora a história das mulheres, e Simone de Beauvoir, cuja teoria aborda a construção de gênero. A combinação desses campos de pesquisa — História Digital e História das Mulheres — é essencial para esclarecer o objetivo central desta investigação.

O primeiro capítulo do texto concentra-se em como a internet se apresenta como uma fonte inesgotável para a historiografia contemporânea. Além disso,

¹ O podcast Praia dos Ossos é uma obra da Rádio Novelo. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>

discute a resistência de teóricos em relação às novas abordagens históricas que a tecnologia propõe, sublinhando como a internet pode ser uma força revolucionária.

No segundo capítulo, o foco recai sobre a transformação do conceito de documento na historiografia e seu impacto. A distinção entre documentos digitais e digitalizados é também discutida, culminando com uma análise de como a linguagem utilizada em jornais e revistas tem sido empregada para reforçar o papel subalterno das mulheres.

Por fim, no terceiro capítulo, são analisadas as postagens do blog "Machismo Esclarecido", enfatizando tanto a linguagem utilizada quanto o papel das imagens escolhidas, que complementam a mensagem transmitida pelos autores.

Nessa perspectiva, essa pesquisa busca compreender como a internet, embora vista como uma ferramenta revolucionária, ainda se configura como um meio de disseminação da violência digital de gênero, perpetuando preconceitos enraizados em nossa sociedade. As fontes analisadas demonstram que os meios de comunicação, desde os jornais e revistas tradicionais, desempenharam um papel crucial na marginalização da imagem de mulheres que desafiavam os padrões sociais impostos.

Segundo Mary Del Priore (2020), o patriarcado é "um sistema social de opressão das mulheres pelos homens", e foi a partir dessa perspectiva que a mídia tradicional contribuiu para a estigmatização da imagem feminina. Essa pesquisa também evidencia como essa violência de gênero, anteriormente disseminada por veículos impressos, se adapta ao meio digital, utilizando o blog Machismo Esclarecido como exemplo. Suas motivações e postagens serão analisadas para compreender como as plataformas digitais reproduzem e amplificam discursos opressores, revelando a persistência das estruturas patriarcais em novos formatos de comunicação.

Blogs como o Machismo Esclarecido² representam um espaço onde preconceitos são reiterados e amplificados, e é fundamental analisá-los criticamente para entender como essas plataformas influenciam a percepção

² O Machismo Esclarecido é a fonte principal dessa pesquisa, desde sua última publicação em 2017, não houveram mais postagens, mas o blog continua disponível para interessados. Disponível em: <https://machismoesclarecido.blogspot.com/>.

pública e perpetuam estereótipos nocivos. Assim, a pesquisa se propõe a revelar os mecanismos pelos quais a violência digital se estabelece e, muitas vezes, se naturaliza, contribuindo para a perpetuação de desigualdades históricas.

2 A REVOLUÇÃO DIGITAL E A HISTÓRIA DIGITAL: NOVAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E NOVAS CONCEPÇÕES DE FONTES E DE CONHECIMENTO HISTÓRICO

O mito da caixa de pandora nos remete a mitologia grega, uma caixa entregue por Zeus, a qual não deveria ser aberta, mas Pandora guiada pela curiosidade abriu e libertou os males que viriam a atingir a humanidade, como guerras, doenças, mentiras e ódio. Ao estabelecer uma analogia entre internet e o mito da caixa de pandora, o ponto relevante desta paridade é entender como a internet pode se tornar uma caixa repleta de surpresas, principalmente na feitura da História (Barros, 2022).

A internet sim, pode ser sinônimo de grande avanço para a sociedade no sentido de revolucionar as formas de comunicação e quebra de barreiras, porém, ainda é utilizada como ferramenta contraproducente se usada de forma inapropriada, a exemplo de disseminações com teor de violência e que fomentam o ódio e repressão, além daquelas que chamamos hoje de fake news. A historiografia então, deve explicar sobre seus usos, as formas que está sendo utilizada e como o conteúdo produzido dentro dessa network impacta a atual sociedade.

Diante desse desafio, antes de mais nada é necessário traçar como a internet tornou-se esse fenômeno, entender sua historicidade, abrangendo seu impacto e desdobramentos nas formas de comunicação, de trabalho, relacionamentos, na construção de conhecimento e no compartilhamento de informações. Os historiadores, dessa forma, podem e devem trata-la como grande marco do atual século, porém, a discussão deve partir não de agora, mas sim, retroceder e entender como o ofício do historiador é importante no trato das fontes, conforme Santos (2016) “Não nos enganemos, porém: as fontes precisam ser lidas, analisadas, questionadas”.

Ao colocarmos em perspectiva o ofício do historiador e perguntarmos a qualquer indivíduo que não possua contato com academia, o que faz um historiador, principalmente nessa era tecnológica que nos cerca? Há grandes

chances que a resposta seja um profissional que tem seu objeto de estudo o passado narrado, uma visão bastante positivista da História.

Neste sentido, a história com o passar das décadas ganhou diversas camadas, e novas concepções do que é História, do que é fazer História e o que é ser historiador, questionamentos que permeiam nosso campo de estudo. Fato é, que ao dar boas-vindas a um novo leque de áreas como a História das Mulheres, História Digital, História Indígena, História do Tempo Presente, dentre outras, por exemplo, os teóricos dessas áreas por um lado avançam com estudos, porém, por outro lado lidam com lutas diárias e preconceitos, vindos inclusive daqueles que abriram caminho para que a História ganhasse um lado menos positivista. Acerca disso o historiador Fábio Chang de Almeida aponta

Especialmente no século XX, outras fontes passaram a figurar (sempre encontrando alguma resistência) no cotidiano do historiador. Contudo, a desconfiança em relação à incorporação de novas categorias documentais ainda é visível. No Brasil, a quantidade de pesquisas de mestrado e doutorado em História que utilizam as fontes digitais ainda está muito aquém do potencial oferecido por este suporte documental. Certamente tal resistência está relacionada, em parte, com a herança metodológica positivista que privilegiava os “papéis” oficiais. (ALMEIDA, Fabio Chang de, 2011, p.11)

Desta forma as novas concepções ainda são vistas como forasteiras e a relutância em aceitar uma nova maneira de se fazer história, normalmente parte do lugar de conforto daqueles que enxergam qualquer mudança no método historiográfico como ameaça. O embate entre novas e velhas perspectivas historiográficas é um assunto que sempre está presente em diversos debates e artigos e traz consigo a busca pela evolução, principalmente atrelado ao uso intrínseco do papel, que em partes a escola metódica ajudou a construir.

Desde modo, as percepções de teóricos oriundos da escola metódica por exemplo, enxergam com desconfiança para novas concepções como a História Digital e a História das Mulheres, áreas as quais esse trabalho se enquadra. O método positivista ao definir que a História era feita apenas pelos grandes fatos, personalidades e documentos oficiais, levou com que os historiadores positivistas negligenciassem um leque de histórias e contextos de seus tempos, que só viriam a ser contadas com a vinda da Escola dos Annales.

O que antes era visto como a verdade, através das fontes históricas homologadas pelos positivistas talvez não obtenham o mesmo resultado que

outrora tiveram. Conforme a historiadora Carla Pinsky afirma em seu livro *Fontes Históricas*, “Fontes tem historicidade: documentos que “falavam” com os historiadores positivistas talvez hoje apenas murmurem, enquanto outros que dormiam silenciosos querem se fazer ouvir”. (Pinsky, 2010, p. 7).

O advento da Escola dos Annales, apesar da renovação proposta principalmente para novos historiados do século XX, não foi capaz de extirpar os preconceitos acerca de novos campos de estudo que vieram integrar a História, que continuaram a ser difundidos, inclusive nos dias de hoje. Grandes expoentes como Lucien Febvre, Marc Bloch, Le Goff e Fernand Braudel, revolucionaram o campo historiográfico com seu novo método de pesquisa, ampliaram as possibilidades e estabeleceram um novo leque de fontes de pesquisa. Conforme Lucien Febvre, historiador e um dos fundadores da Escola dos Annales, infere sobre a ampliação de fontes para a historiografia:

Os fundadores da revista "Annales d'histoire économique et sociale" (1929), pioneiros de uma história nova, insistiram sobre a necessidade de ampliar a noção de documento: "A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. (Febvre, apud Le Goff, 1992, p. 540).

A Escola dos Annales foi fundamental para estabelecer que, sim, é possível escrever sobre temas que antes eram desprezados e não considerados parte da História. Essa mudança abriu novos caminhos para a historiografia, permitindo a inclusão de perspectivas e áreas de estudo que anteriormente eram marginalizadas. Exemplos disso são a história das mulheres e a história digital, que se beneficiaram dessa ampliação do campo histórico.

Apesar desse progresso, ainda existem preconceitos persistentes que marginalizam pesquisas e debates sobre esses temas. Mesmo com a contribuição significativa da Escola dos Annales para a diversificação dos estudos históricos, muitos desses campos continuam enfrentando resistência dentro da academia e do debate público.

Desta forma a evolução das fontes históricas e por consequência, a do ofício do historiador perpassam embates, discussões e principalmente, discordâncias. A preocupação dos historiadores contemporâneos em tentar redefinir o que seria escrever história fica explícito na obra “História: Novos problemas” lançado por Jacques Le Goff e Pierre Nora, onde postulam três

alicerces, “novos problemas, novas abordagens e novos objetivos”, tal afirmação norteou trabalhos desde então, segundo o historiador José D’Assunção Barros:

É certo que precisou haver um longo e complexo desenvolvimento historiográfico até que se chegasse ao momento em que, para além dos documentos e fontes concretizadas em papel ou qualquer outro material, fossem também admitidas as “fontes imateriais” como campos de evidências das quais poderia o historiador se valer. De todo modo, pode-se dizer que, na atualidade, não há praticamente limites para um historiador quanto às suas possibilidades de transformar qualquer coisa em fonte histórica. (BARROS, José D’ Assunção, 2019, p. 3)

Considerando os avanços historiográficos, especialmente no que se refere à definição de uma fonte histórica, a internet emerge como um novo espaço de produção e compartilhamento de conteúdos. Assim, ela se junta a outras fontes que, em tempos passados, foram subestimadas ou relegadas a um segundo plano.

Hoje, a internet e o vasto conteúdo gerado nela são vistos como recursos valiosos para o estudo da história, assim como outras fontes que anteriormente não eram amplamente reconhecidas. Esse cenário reflete uma mudança nas práticas historiográficas, que passam a valorizar diferentes formas de registro e comunicação. Ainda pelas palavras de José D’ Assunção Barros:

Estes registros virtuais, que serão cada vez mais analisados pelos futuros historiadores como objeto de estudo e abordados como fontes históricas para a investigação sobre temáticas várias, devem ser vistos como possuidores da mesma qualidade de fontes que os tradicionais documentos registrados no suporte papel. (BARROS, José D’ Assunção, 2019, p. 3)

Dessa forma, a sociedade digital é capaz de gerar uma ampla variedade de fontes de estudo, tanto materiais quanto imateriais. Os conteúdos produzidos nesse ambiente virtual abrangem desde documentos e arquivos digitais até manifestações culturais e simbólicas que não possuem uma materialidade tangível, mas que são igualmente relevantes para a pesquisa acadêmica e histórica.

2.1 A HISTORIOGRAFIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A historiografia não foi a única a ampliar seus horizontes, a sociedade de forma geral desenvolveu-se e sofreu mutações como nunca antes visto. Com o avanço de várias tecnologias ao longo das décadas, somos testemunhas em como essas novas formas impactam como os indivíduos se comunicam, se locomovem, e como compartilham o mesmo ambiente, por exemplo, o desenvolvimento das linguagens, do trem, dentre outros. É nítido na história da humanidade certos saltos tecnológicos, principalmente aquelas oriundas de Revoluções como a Agrícola, Urbana e Industrial (Barros, 2022).

A internet começou a ser desenvolvida no final da década de 1980, e seu espraiamento se deu na década seguinte, mas antes de chegarmos neste meio cibernético, a sociedade sofreu a influência de outras tecnologias antecessoras, e que foram responsáveis por alimentar a ânsia pelo desenvolvimento, alterando perspectivas e culturas.

A cultura cibernética e o ciberespaço³ são consequências de uma sociedade do século XX que foi testemunha de grandes avanços para a sociedade, a cibercultura⁴ desenvolvida ao final desse século e início do século XXI abriga as técnicas e práticas envolvendo o material e o intelectual dos seres humanos (Levy, 2010). Levando em consideração esse pensamento do historiador Pierre Levy, podemos vincular com outro historiador, Certeau (2008) que articula sobre como os comportamentos de uma sociedade são reproduções culturais das anteriores, revitalizando ou defendendo ideias, que podem vir a ser soluções de problemas ou o aumento deles para a conjuntura social.

Levando em consideração o pensamento de Certeau em como a sociedade reproduz determinamos comportamentos já presentes nas conjunturas anteriores, podemos inferir que a tecnologia em nossa sociedade

³ Segundo Levy (2010) Ciberespaço é a rede o nome do meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, pois abriga não apenas uma infraestrutura material da comunicação digital, mas também os seres humanos.

⁴ Segundo Levy (2010) Cibercultura é um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço.

está claramente vinculada a como os indivíduos se enxergam e se posicionam em convívio, e o grande espelho para as demonstrações comportamentais, são as redes sociais que acabaram se tornando palco de manifestações e mobilizações do espírito humano. (Barros, Carmo e Silva, 2012).

Antes mesmo da revolução informacional impulsionada pela internet, temos a sociedade já sendo acostumada a acolher novas formas de tecnologia. A Segunda Revolução Industrial, por exemplo, foi responsável por moldar como a sociedade lidava com o trabalho, o advento das máquinas a vapor, das linhas de produção, alteraram não apenas as relações de trabalhos, mas adentraram outras áreas como a da comunicação que começara a se desenvolver, determinando de uma vez por todas que a tecnologia iria se tornar parte intrínseca a condição humana, revolucionando as próximas gerações. Além disso, segundo Burke (2006) a Revolução Industrial estava atrelada a revolução das comunicações⁵ e a cada descoberta era vista como progresso e frequentemente exaltadas pela mídia.

A cada contexto, cabe-se novas tecnologias, um dia a escrita foi algo novo, a caça foi algo novo, o sedentarismo dos seres humanos foi algo novo. Barros (2022) argumenta que o ser humano exerce formas de controle cada vez maior em seu espaço tempo, principalmente, para controle da natureza. A sociedade então se viu cada vez mais ser inundada com tecnologias que otimizam seu modo de vida, conforme o historiador Peter Burke aponta:

Dentro dessa perspectiva, a "Revolução Industrial" e a "revolução da comunicação" podem ser vistas como parte do mesmo processo — com a revolução dos transportes em primeiro lugar na sequência tecnológica que parecia ter uma lógica própria, principalmente depois que a eletricidade substituiu o vapor como nova fonte de energia apesar de ser, no início, ainda mais misteriosa (a palavra "eletrônica" surgiu muito depois). No século XX, a televisão precedeu o computador, do mesmo modo que a impressão gráfica antecedeu o motor a vapor, o rádio antecedeu a televisão e as estradas de ferro e os navios a vapor precederam os automóveis e aviões. A sequência não manteve um ritmo regular, e cada demora precisa ser explicada. "Uma máquina de voar factível", foco de aspiração de muitas pessoas, teve de esperar a invenção do motor a combustão interna para se tornar uma possibilidade técnica. O telégrafo precedeu o telefone, e o rádio deu início à telegrafia sem fio. Mais tarde, depois da invenção da telefonia sem fio, ela foi empregada para introduzir uma "era da radiodifusão", primeiro em palavras, depois em imagens. (BURKE, 2006, p. 112)

⁵ Peter Burke ainda infere sobre a Revolução das comunicações, segundo ele ela é: longa, contínua e eterna.

Como falado por Peter Burke, a Revolução das comunicações é uma gama de invenções que auxiliam o avanço de algo maior, o desenvolvimento tecnológico é cumulativo, com invenções que se influenciam mutuamente, criando um fluxo contínuo de inovação e que impactam o seu contexto, no entanto, também assinala que os avanços nem sempre seguem um padrão previsível e que suas "demoras" requerem explicação histórica.

Neste sentido, o início do século XX é marcado por esse desenvolvimento de máquinas industriais que acarretariam em alterações sociais e em novas dinâmicas e relações que permeariam o cenário da época, a humanidade a partir daí se preparava para grandes novidades, que seriam ainda maiores e mudariam o curso da vida de forma geral.

Os avanços tecnológicos ocorridos durante a primeira metade do século XX são inegáveis, revoluções em todas as áreas da sociedade foram efetuadas e impulsionaram de uma vez por todas a sociedade em direção ao progresso tanto almejado. O historiador Eric Hobsbawm, em sua obra "A era dos extremos: O breve século XX" publicada em 1995, chegou a chamar de terremoto tecnológico, devido a gama de avanços que se obteve em um curto espaço de tempo, em suas palavras ele disserta:

Mais que qualquer período anterior, a Era de Ouro se baseou na mais avançada e muitas vezes esotérica pesquisa científica, que agora encontrava aplicação prática em poucos anos. A indústria e mesmo a agricultura pela primeira vez ultrapassavam decididamente a tecnologia do século XIX (HOBSBAWN, Eric, 1995, p. 208)

Após os anos dourados⁶, alcinha das décadas de 1950 e 1960, o avanço tecnológico ficou ainda mais nítido com a chegada do homem à lua, principalmente com a acirrada disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética pela hegemonia global, a Guerra Fria. A disputa entre esses dois blocos políticos colocou em evidência a corrida tecnológica (bélica) para definir qual seria o detentor da política e economia mundial.

⁶ Eric Hobsbawm na sua obra Era dos extremos: o breve século XX, relata como os teóricos confabularam para empregar a alcunha "anos dourados" para descrever as décadas de 50 e 60.

O século XX desta forma alcançou margens nunca antes vistas na História, possibilitando com que uma nova sociedade abraçasse uma tecnologia ainda maior, que estava por vir. Conforme Eric Hobsbawm explana

Assim a ciência, através do tecido saturado de tecnologia da vida humana, demonstra diariamente seus milagres ao mundo de fins do século XX. É tão indispensável e onipresente — pois mesmo os mais remotos confins da humanidade conhecem o rádio transistorizado e a calculadora eletrônica — quanto Alá para o muçulmano crente. É discutível quando essa capacidade de certas atividades humanas produzirem resultados sobre-humanos se tornou parte da consciência comum, pelo menos nas partes urbanas das sociedades industriais “desenvolvidas”. Certamente foi após a explosão da primeira bomba nuclear, em 1945. Contudo, não pode haver dúvida de que o século XX foi aquele em que a ciência transformou tanto o mundo quanto o nosso conhecimento dele. (HOBSBAWM, Eric, 1995, p.404-405)

A globalização que até meados do século XX estava moldada para obedecer a economia, principalmente para as indústrias bélicas dos países chamados de “primeiro mundo”, expressão essa não mais utilizada pelos cientistas sociais, e como consequência dinamizar as relações comerciais. A partir da última metade do século, principalmente nas últimas duas décadas ganharia um novo protagonista que começava a ganhar espaço, a internet já dava seus primeiros passos, a partir dela, o alvo para o consumo tecnológico seria mudado, seu espraiamento democratizou o acesso para as pessoas comuns a tecnologia.

A sociedade digital que conhecemos hoje, então, começa a engatinhar a partir da década de 1980, quando os equipamentos tecnológicos ligados a informática começam a adentrar de forma efetiva no dia-a-dia da população. A tecnologia digital agora viria a ser a melhor amiga, e de forma onipresente, passava a ser indispensável, seu espraiamento daria início a uma Revolução digital que ainda se sucede nos dias de hoje, sobre esse marco, o historiador João D’ Assunção Barros, explana:

A sociedade digital pode ser delineada, antes de tudo, como aquela que emerge planetariamente da revolução digital iniciada na última década do século XX – sendo oportuno observar, desde já, que só podemos considerar que adentramos efetivamente uma sociedade digital quando os recursos tecnológicos e informáticos difundidos pela revolução digital passam aa atingir de formas diversas, e de maneira espraiada e decisiva, a maior parte das populações do planeta e em todos os níveis sociais. (BARROS, 2022, p. 12)

Segundo Barros (2022) a consolidação de uma sociedade digital ocorreu de fato com a internet livre a partir da década de 1990, quando a acessibilidade a esse serviço atingiu de forma mais ampla todas as camadas da sociedade, o que corrobora com Hobsbawm (1995) quando discute que com o fim do milênio a tecnologia e as pesquisas científicas foram responsáveis por um boom econômico a partir da segunda metade do século XX, chegando para todas as classes.

O século XXI então, chega com uma promissora possibilidade de agora, ter a internet como sua protagonista principal, e também responsável por conectar o mundo e ultrapassar barreiras físicas. Adentramos neste século, com uma extensa bagagem e uma sociedade digital em andamento, onde a tecnologia não é algo tão distante como outrora, mas sim, parte essencial de toda a sociedade.

A revolução digital como já dito, tem seu início com o avanço das tecnologias ligadas a informática. Segundo Barros (2022) a revolução digital é encaixada em um conceito, chamado de Revoluções transversais, aquelas as quais tem a capacidade de modificar de forma geral o planeta inteiro, e ainda chama a atenção que ela não exclui o que já foi alcançado pelas outras Revoluções (Agrícola, Urbana, Industriais) mas as sobrepõe e as incorporam, por exemplo, a atual Revolução tecnológica não excluiu o telefone, apenas o deixou mais rápido, moderno e com diversas outras funções, do que apenas efetuar chamadas.

Os historiadores do passado, principalmente os da escola positivista, tinham o papel (documento) como sua principal fonte de pesquisa. A crítica oriunda por parte dos historiadores da Escola dos Annales para com os positivistas, fez com que emergisse questionamentos acerca da exclusividade do documento. Hoje, as diferentes teorias da história permitem uma leitura mais plural e crítica do passado. O que antes era considerado fonte irrelevante ou "não-histórica" passou a ser valorizado, como as narrativas das minorias, a história oral, os registros digitais e até as produções culturais. Assim, o debate historiográfico atual reconhece que a história é, em grande parte, uma interpretação múltipla e em constante construção, onde a escolha da fonte, o método e a teoria influenciam diretamente as narrativas que construímos sobre o passado.

Com o avanço da Revolução digital, inicialmente com o surgimento de computadores, e ano após ano outros aparelhos como o celulares e máquinas que exercendo funções do cotidiano, presenciamos cada vez mais a sociedade adequar-se a esse novo modo de vida, porém ainda apesar do leque extenso de fontes que essa nova era permite, historiadores ainda não trabalham com o que chamamos de História do tempo presente (HTP) principalmente ao uso da tecnologia em nossa sociedade, ainda nos cursos de graduação em História, a história digital, o ciberespaço ainda é pouco debatido, apesar de todos terem a tecnologia nas palmas de suas mãos.

A era digital se torna consequência do que aprendemos a chamar de globalização, que segundo Giddens (2013), “é revolucionária, política, tecnológica e cultural”. Esse momento da história da humanidade pode-se caracterizar em uma única palavra: internet. A rede mundial de computadores, ou melhor conhecida como, internet, possibilitou que o mundo se comunicasse e conectasse sem precisar sair do conforto de seus lares. A partir da sua criação pelo cientista de dados Tim Berners-Lee no final dos anos de 1980, tinha o objetivo apenas de ser um local de compartilhamento de pesquisas, mas viu-se ganhando força no início dos anos de 1990, e assim, ganhando popularidade e revolucionando a forma de comunicação e consumismo da sociedade, e com isso tornou-se uma ferramenta política, e principalmente intrinsecamente cultural.

A internet mudou e moldou o comportamento de gerações desde que se tornou popular, virou uma ferramenta muitas vezes indispensável no dia-a-dia dos indivíduos, quebrou fronteiras físicas e barreiras linguísticas, e se tornou um campo aberto para pessoas que não se sentiam ouvidas, encontrassem ali uma forma de expressar seus anseios e descontentamentos, com a vida em sociedade.

Os historiadores atuais, contemporâneos, devem reconhecer a internet como uma das principais ferramentas armazenadoras de fontes de pesquisa, se não, a principal, através dela acervos podem ser acessados de qualquer lugar, documentos importantes podem vir a público, e com isso torna-se também grande aliada de pesquisadores.

Devido ao espraiamento dessa nova forma de sociabilização, os tempos atuais giram em torno dela, a internet é uma das principais ferramentas que atuam para que os indivíduos sejam agentes criadores de história da atualidade.

A era digital e contemporânea deve ser reconhecida pela historiografia, e principalmente como a internet, e suas tecnologias derivadas são as principais semeadoras das demandas sociais atuais, através dela, que o mundo gira, estamos assistindo o digital ultrapassar o analógico. E por que não, essas tecnologias não serem aproveitadas para o trabalho do historiador?

No próximo capítulo discutiremos como as fontes digitais e digitalizadas podem trabalhar para auxílio dos historiadores, e ainda como fontes oriundas da internet podem atuar na reprodução de preconceitos.

3 FONTES DIGITAIS OU FONTES DIGITALIZADAS? A INTERNET COMO TERRA DE NINGUÉM OU COMO ESPAÇO DE INTERVENÇÃO LEGAL?

A história do tempo presente está atrelada a história digital que consequentemente está vinculada ao advento da internet. Segundo Almeida (2011) a internet surge como um aporte quase inesgotável de fontes, porém ainda pouco utilizada pelos historiadores, neste sentido a historiografia ainda peca pela falta de uso dessas fontes, que podem vir a ser digitais ou digitalizadas.

Como é de conhecimento comum, a principal fonte do historiador é o documento, como já relatado, a historiografia positivista, foi responsável por atrelar principalmente o uso de documentos oficiais como fontes principais do historiador. A herança positivista que ainda permeia a grande maioria dos historiadores contemporâneos causa o negligenciamento de fontes oriundas da internet, como afirma o historiador Fábio Chang de Almeida:

Para os historiadores que buscam compreender o presente, negligenciar as fontes digitais e a Internet significa fechar os olhos para todo um novo conjunto de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que vêm se desenvolvendo juntamente com o crescimento e popularização da rede mundial de computadores. (ALMEIDA, Fábio, 2011, p.12).

A sociedade atual com sua relação com novos tipos de tecnologias, comunicações e alteridades, a ressignificação de conceitos que antes estavam estratificados pôde ser alterada. A relação entre historiador e documento, é um bom exemplo dessa nova dinâmica, a sociedade digital que construímos explora e está vivenciando cada vez mais inovações, o que leva a historiografia a vir se modernizar. O que nos leva a questionar diversas ideias, tais quais: o que é um documento digital ou digitalizado? Antes de chegarmos nesta discussão se faz necessário a priori definir o que é um documento. O conceito de documento como já vemos discutindo vem se alterando ao longo da historiografia, porém está intrinsicamente ligado a sociedade a qual o estatuto daquele documento responde, como o historiador José D' Assunção Barros, disserta:

Por causa disso, a palavra “documento”, que estava já bastante incorporada ao metier do historiador, foi também expandindo seus

sentidos possíveis. Começou-se a se entender que tanto um texto (um documento estatal ou uma receita de bolo) como um objeto material (uma cadeira, por exemplo), ou ainda uma foto ou uma canção, são todos “documentos”, neste sentido ampliado. (BARROS, José, 2019, p. 4).

Desde modo, tendo em mente que o conceito de documento e que ele é um reflexo de uma sociedade, o historiador ao trabalhar com as fontes encontradas na internet, os historiadores devem saber como manejar, inclusive diferenciar a origem daquele material. O aporte que está disposto na tela pode ser digital, ou seja, criado dentro do software como blogs, sites etc; ou digitalizado, como teses, livros, revistas, etc; onde o material é físico, mas foi disponibilizado via digitalização, ainda seguindo pensamento do historiador Fábio Chang de Almeida ele infere sobre os documentos digitais e digitalizados

Os documentos digitais têm como característica a dissociação entre o suporte físico e o seu conteúdo informacional. Sendo assim, é possível o descarte do suporte físico e a manutenção de seu conteúdo em um novo suporte.... Os documentos digitalizados são aqueles resultantes do trabalho de digitalização da documentação “tradicional” já existente. Por exemplo, o jornal inglês The Times disponibiliza na Internet 200 anos de seu acervo (de 1785 a 1985). (ALMEIDA, Fábio, 2011, p.16 e 19)

Neste sentido de definir o que são documentos digitais ou digitalizados, o historiador que decidir utilizá-los como fontes, deve saber sua origem, o material o qual foi baseado a escrita, em caso dos digitalizados o que ocorreu com o material original, se está em um arquivo ou não etc, para desta forma conseguir trabalhar e utilizar da melhor forma os conteúdos ali dispostos.

Um bom exemplo de fonte digital é o blog que está sendo analisado neste trabalho, “O machismo esclarecido”, onde a discussão será alicerçada por fontes digitalizadas, como notícias de jornais que serão apresentadas ao longo do estudo, servindo como base para a argumentação. Diante disso, surge a reflexão: qual, de fato, é o papel das fontes digitais? Poderíamos considerar um blog uma extensão de um jornal, mas em formato online? Essas questões nos levam a repensar o papel dos blogs na difusão de informações e seu potencial para atuar como veículos de comunicação. Segundo Fábio Chang blogs são

Um blog é um site da Internet atualizado com certa regularidade, onde as atualizações são dispostas em ordem cronológica inversa (iniciando pelas mais recentes). Inicialmente, a maioria dos blogs funcionava como “diários virtuais”, onde as pessoas escreviam sobre suas vidas pessoais. (ALMEIDA, Fábio, 2019, p.7)

Levando em consideração o pensamento de Chang (2019) com a popularidade da internet no início do novo milênio, o homem foi capaz de fazer descobertas apenas com alguns cliques. A tela do computador agora era vitrine do que a humanidade poderia se tornar, as grandes conquistas, os inúmeros sucessos que são atribuídas ao acesso as ferramentas que estão na internet, impulsionaram todo mercado que está ligado à informática, inclusive mostrando um lado obscuro dos seres humanos, e uma dessas ações é o que chamamos de “fake news”. E uma dessas notícias falsas envolvia o próprio uso da internet, que ela é um espaço sem lei.

Por muito tempo o jargão “A internet é terra de ninguém” sempre estava disposta em comentários nas redes sociais, principalmente pela sensação de liberdade, segurança e anonimato que essas mídias podem trazer para aqueles que disseminam ódio e preconceito, o que corrobora a ideia de Levy (1996), quando afirma que o computador potencializa a informação, ou seja, o que um dia pode ser micro, ao cair na rede, pode vir a alcançar a esfera do macro.

As comunidades construídas na internet tendem a formar uma força que alimenta um indivíduo ao outro, estimulando cada vez mais determinado comportamento seja ele bom ou ruim. Os preconceitos e retrocessos sociais que são espalhados diariamente na rede, são uma extensão do pensamento de indivíduos que possuem essa falsa segurança da rede, cabe não apenas aos historiadores, mas a todos os cientistas sociais e das humanidades combaterem essas violências. O historiador José D’Assunção Barros, a respeito desse assunto disserta:

Entrementes, esta sociedade sujeita ao acúmulo de informações e a visibilidade social, mesmo nos casos em que esta não é o acúmulo de informações e à visibilidade social, mesmo nos casos em que a esta não é desejada, traz também as suas armadilhas e perigos. Nos últimos tempos, ficaram bem conhecidos, na interação da política com universo digital os inúmeros casos de fake News. Se a possibilidade de informação se amplia com o sistema Internet/Web pode ser utilizada para favorecer a Arte, a Ciência e as grandes causas sociais, nela também podem trafegar os discursos de ódio, os convites à alienação política, os retrocessos na justiça social. (BARROS, José D’ Assunção, 2022, p. 90).

Neste sentido, diversos governos, incluindo o brasileiro optaram por atualizar sua legislação. O direito digital, algo bem recente para a sociedade,

surge em prol de combater os crimes que acontecem no meio cyber. Ao longo das duas décadas do século XXI, vemos diversas leis sendo instituídas em favor das vítimas desses casos, porém, destaco a mais recente, a lei 14.811/2024, conforme seu artigo 146º:

Intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de modo intencional e repetitivo, sem motivação evidente, por meio de atos de intimidação, de humilhação ou de discriminação ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais: Pena - multa, se a conduta não constituir crime mais grave. (BRASIL, Constituição Federal, 1988).

Visando descredibilizar frases como a já citada “Internet, terra de ninguém” que avanços jurídicos foram feitos, porém, apesar do desenvolvimento na área essa ideia ainda permanece enraizada e continua sendo espalhada pela rede. O sentimento de liberdade e de expressão já são natos para a maioria dos usuários da rede, porém tal comoção não é algo que surge do nada, ela é construída, e essa construção de fato, se inicia com as primeiras redes sociais que adentram a sociedade no início do século XXI.

Como citado acima, as novas formas de sociabilização “*online*” ditadas pelas redes sociais que conhecemos hoje, começam a tomar forma no início dos anos 2000. Os relacionamentos agora tinham um âmago, o centro da vida, principalmente de jovens adultos, eram as redes sociais, a partir deste momento a sociedade digital muda a forma em que enxerga o mundo. E partir disso as redes sociais tornam-se mola motriz para uma geração, onde as pessoas expõem suas preferências, dados pessoais, momentos de intimidade, esperando colecionar contatos e curtidas, indicando a aprovação social (Andrade, 2019). As redes sociais, neste sentido, e levando em consideração seu alcance midiático em pequena ou larga escala, mostram-se capazes de exercer grande influência em nosso meio. Como define a historiadora Débora El-Jaick Andrade, essas redes são:

As redes sociais (social networks em inglês, ou social media) – a principal novidade da tecnologia da Web 2.0 – são definidas pelas interações sociais e relações pessoais que os indivíduos estruturam, os círculos de conhecimentos e contatos estabelecidos por eles. (ANDRADE, Débora *apud*, BARROS, José, 2019, p. 192).

O principal objetivo das redes sociais é o de aproximar as pessoas sem de fato elas estarem no mesmo ambiente, compartilhar experiências, gostos em

comum, tornou-se corriqueiro para toda uma sociedade. No entanto, bolhas virtuais surgem a partir desses encontros, e no início dos anos 2000, essa bolha era sintetizada na imagem dos blogs, onde literalmente indivíduos compartilhavam seus interesses com o mundo todo, o cerne dessa questão, é que apesar da boa intenção de muitos, havia também o lado contrário, diversos blogs foram criados com o intuito de propagar ideias, retrocessos, e estimular a violência, como afirma o historiador José D' Assunção Barros

Uma “bolha” é apenas uma rede fechada sobre si mesma, encerrando todos os que pensam de uma mesma maneira em um novelo que de longe poderia se assemelhar, metaforicamente, falando, a um buraco negro do qual nenhuma luz escapa. (BARROS, José D' Assunção. p. 53, 2022).

Desde modo, com a liberdade e o sentimento de pertencimento, essas bolhas podem ser geradoras e propagadores de radicalismos, seja político, de gênero, etc. A falsa sensação de opinar sem ter consequências, torna a rede uma ferramenta de propagação de violência e daí surge o jargão, de que a internet é uma terra sem lei, o que mais adiante discutiremos que não é.

Os crimes cibernéticos⁷ tornaram-se comuns entre os usuários da rede, preconceitos disfarçados de brincadeiras tomaram conta de postagens e muitas vezes a falta de punição para quem comete os crimes se torna apenas o combustível para que isso se torne ato corriqueiro nas redes. A violência muitas vezes velada com humor é encarada como algo normal e o não combate a esse tipo de linguagem é visto como um passe livre para esses crimes cibernéticos tornem-se comuns.

3.1 VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA MÍDIA TRADICIONAL E DIGITAL

Ao tratarmos de um assunto tão delicado, é necessário traçar e contextualizar cuidadosamente duas palavras para este trabalho: gênero e violência digital, através delas outros conceitos que permeiam nossa temática vão vir acrescentar ao nosso raciocínio.

⁷ Segundo Barros (2022) nas bolhas virtuais, “o racista torna-se mais racista; os conservadorismo se apoiam; os ódios às minorias se fortalecem”.

O papéis sociais de gênero por grande parte da história da humanidade pouco se alterou, apesar das significativas vitórias no tocante a conquista de direitos das mulheres, ainda nos dias de hoje, se estabelece uma relação de poder desigual entre homens e mulheres. O poder exercido durante séculos pelos homens sobre as mulheres desequilibrou a balança social, estabelecendo um domínio sobre direitos dos quais as mulheres foram historicamente excluídas. Esse controle foi legitimado por diversas instituições, incluindo a Igreja, que desempenhou um papel central ao reforçar ideologias que perpetuavam a subordinação feminina, consolidando as desigualdades entre os gêneros. Um exemplo claro dessa desigualdade é a educação doméstica, que, por séculos, ficou reservada às mulheres. Elas foram privadas do acesso à educação formal e limitadas ao aprendizado de habilidades domésticas. Essa restrição foi justificada e validada pela Igreja, que, por meio de interpretações de versículos bíblicos, afirmava o lugar de subordinação da mulher na sociedade, consolidando a ideia de que sua função era servir ao lar e ao marido.

Segundo o filósofo Michel Foucault (1979), se existe alguém exercendo poder, há também alguém que obedece, logo em nosso caso, as regras que foram postas para o convívio social aos indivíduos baseados em seu gênero, elegeu os homens como governantes das mulheres.

Segundo a filósofa e ativista da causa feminista Simone de Beauvoir (1949), os papéis de gênero existentes em nossa sociedade são construções atribuídas aos indivíduos, que começa desde o momento do nascimento, e muitas vezes até antes dele. Ao afirmar que ninguém nasce mulher, torna-se mulher, é uma clara crítica ao patriarcado existente na sociedade e como a educação feminina perpetuada inclusive pelas próprias mulheres incumbiu de colocar mulheres dentro de um padrão que obedecia ao poder exercício pelo “homem da casa”. Podemos afirmar que nascer homem diante da sociedade tornou-se um privilégio, enquanto para as mulheres sobrou ser um fardo.

O conceito de gênero começou a ser amplamente debatido a partir de meados do século XX, com importantes contribuições como a obra "O Segundo Sexo" (1949) de Simone de Beauvoir, que questionou as construções sociais em torno da feminilidade. Nos anos 1970, teóricas como Judith Butler, com seu livro "Problemas de Gênero" (1990), aprofundaram a ideia de que o gênero é uma performance social, não uma identidade fixa. Esses estudos abriram caminho

para novos conceitos nas ciências sociais, como a ideia de gênero como uma construção social, debatida por antropólogas como Margaret Mead, que, em suas pesquisas culturais, mostrou como os papéis de gênero variam entre as sociedades.

Na historiografia, teóricas como Joan Scott utilizaram o conceito de gênero para revisar a história, argumentando que as relações de poder entre homens e mulheres deveriam ser centrais na análise histórica. Esses avanços impulsionaram novas discussões e lutas pela igualdade, tanto no campo acadêmico quanto nos movimentos feministas e LGBTQIA+, que questionaram as normas estabelecidas e buscaram maior equidade de gênero. Sobre tais teorias e conceitos, as historiadoras Rachel Soheit e Joana Maria Pedro apontam:

Essas são algumas das diferentes posturas no tocante aos estudos sobre as mulheres. Algumas opõem história de gênero e história das mulheres – que, na verdade, caminham para uma interpenetração que impede a abordagem isolada de cada uma destas, às quais se juntam as abordagens sobre gays/lésbicas e sobre masculinidades. Criatividade, sensibilidade e imaginação tornam-se fundamentais na busca de pistas que permitam transpor o silêncio e a invisibilidade, que perduram por tão longo tempo quanto ao passado feminino. (SOIHET E PEDRO, 2007, p. 296)

Diante disto, com o avançar da historiografia no tocante a história das mulheres, gênero, etc. No Brasil anos antes de todos esses grandes debates, em sua obra “A mulher é uma degenerada”, escrita na década de 1930, Maria Lacerda de Moura já questionava o sistema patriarcal acerca do papel da mulher na sociedade após falas do psiquiatra Miguel Bombarda em seu livro “A epilepsia e as pseudo epilepsias” publicado em 1986, Maria Lacerda disserta sobre a tentativa de igualdade e equidade entre gêneros, e salienta o que “restou” para a mulher na sociedade e subentende-se o que acontece com aquelas que não obedecem ao regime estabelecido, ela disserta:

Para a mulher - restam apenas: a inconsciência, a fraqueza sem defesa, a maternidade com o seu cortejo de dores e amarguras e o jugo masculino [...] O homem lá quer saber de ter para esposa uma mulher de alma incorruptível? — Não! Ele a deseja sempre com o pé no abismo, deseja-a frágil, inconsciente, vigiada, leviana até, para crescer no seu papel de protetor, de guarda, para aconselhar, para ser respeitado, temido — influencia ancestral, lembrança do gineceu e do harém. (MOURA, Maria Lacerda de, 2018, p. 27-54).

Maria Lacerda na década de 1930 já trazia luz questões sobre o que estava reservado para mulher na sociedade, no entanto, o debate acerca do conceito de gênero no Brasil ganharia maior evidência e efervescência principalmente a partir de meados do século XX, com o surgimento de pensadoras como Heleieth Saffioti, autora de "A Mulher na Sociedade de Classes" (1969), que analisou a opressão das mulheres à luz da teoria marxista. A partir dos anos 1980, estudiosas como Joan Scott, influenciaram a academia brasileira, e pesquisadores como Guacira Lopes Louro começaram a desenvolver estudos sobre gênero e sexualidade, ampliando a compreensão desses temas no contexto educacional e social.

Ao longo da história, foi construída uma imagem idealizada da mulher, marcada por atributos como feminilidade, obediência, perfeição como filha e submissão como esposa. Essa representação de mulher ideal atravessou os séculos, sendo reforçada por diversas instituições sociais, como a Igreja e o Estado, que moldaram o comportamento feminino de acordo com normas patriarcais. Um exemplo desse controle foi a imposição de códigos de conduta que restringiam a liberdade feminina, como as leis que regulavam o vestuário e a conduta das mulheres.

No Brasil, durante o regime militar, o controle sobre o corpo e os direitos das mulheres foi intensificado, com políticas repressoras que limitavam sua autonomia. Além disso, instituições religiosas frequentemente utilizaram o discurso moral para justificar a subordinação feminina, como no caso da oposição ao direito ao aborto, onde líderes religiosos se apresentavam como "protetores da moral e da fé", mas, na realidade, restringiam a liberdade sobre o corpo e os direitos das mulheres, vilipendiando seus anseios e suas conquistas. Como Mary Del Priore afirma:

Em meados do século XX, continuava-se a acreditar que ser mãe e dona de casa era o destino natural das mulheres, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiram a masculinidade (PRIORE, Mary Del, 2020, p.184)

Com o desenvolvimento da internet nas últimas décadas do século XX e início do XXI, essas concepções de gênero supracitada começaram a ser ainda mais desafiadas. A internet se tornou um espaço de disputas e transformações, permitindo que movimentos feministas ampliassem suas vozes e debates sobre

as construções sociais de gênero. Plataformas digitais proporcionaram novas formas de questionar o papel tradicional da mulher e de desconstruir os estereótipos que associam o trabalho e a autonomia exclusivamente ao homem.

Com tantos avanços que agregam a vida dos indivíduos, como o espaço para a liberdade de expressão que a internet possibilita, mesmo assim, a violência ainda é uma constante, e neste momento ela se torna digital. A violência digital fora introduzida ao mesmo tempo que a internet se torna uma ferramenta comum aos cidadãos, a violência de gênero tão comum ao mundo físico, adentra ao mundo cibernético.

O teor patriarcal presente nesses discursos e comentários que inundam as redes sociais estão intrinsicamente ligado ao machismo histórico que está presente em toda a sociedade não apenas no Brasil. Então, segundo Simão e Custodio (2022) o machismo que está historicamente está enraizado em nossa cultura, levando em consideração essa contribuição, é importante relacionar o ato de atacar o que é “feminino” com o machismo contemporâneo, que encontra na internet um aparelho repressor daquilo que considera errado e fora de seus padrões.

A utilização de dizeres misóginos é o mais comum que acontece nas redes sociais, a diminuição a figura feminina é utilizada não apenas para atacar mulheres, mas também homens. O ódio a traços considerados femininos, expõe o quanto é doentia o que chamados de masculinidade, aqueles que utilizam de tais dizeres mascaram apenas a fragilidade de sua própria personalidade, e precisam reafirmar esse privilégio em ser “homem” menosprezando e atacando aquele que considera inimigo. Conforme a historiadora Mary Del Priore disserta:

Ao fazer do mito da superioridade do macho o fundamento da ordem social, política, religiosa, econômica, e ao valorizar a força, o gosto do poder, o apetite pela conquista e o instinto guerreiro, ele justificou e organizou a submissão delas. (DEL PRIORE, Mary, 2020, p. 237)

Neste sentido, na ânsia de ser “macho” não é difícil de encontrar postagens com o teor misóginos, frases como “isso é coisa de mulher”, “mulherzinha”, entre tantos outros, inundam principalmente páginas e perfis de personalidades, notícias, ou qualquer coisa que desafie o padrão dito como natural, aquela velha dicotomia do que é ser homem e ser mulher.

É importante destacar que a violência e a subordinação a que a figura feminina é submetida em diversos dizeres na internet têm raízes históricas presentes nas páginas de inúmeros jornais ao longo do tempo. Ao longo das décadas, análises de periódicos revelam que o papel esperado da mulher sempre esteve vinculado a estereótipos tradicionais, como o de esposa, mãe e dona de casa, já mencionados neste trabalho.

Os jornais, por muitos anos, foram o principal meio de comunicação responsável por validar e padronizar parâmetros sociais. Por meio de suas narrativas, a mídia construiu e perpetuou, através de palavras, alicerces que moldam as normas e expectativas nas sociedades (Bourdieu, 1997, p. 26). Levando em consideração tal pensamento, nas folhas de jornais estava escrita como uma mulher deveria se portar e a partir dos anos de 1980, os meios de comunicação impressos tiveram que dividir sua atenção com os meios tecnológicos que surgiam com o espraiamento da internet e se adequar as novas formas de interações que viriam nos próximos anos. Como o historiador Peter Burke relata:

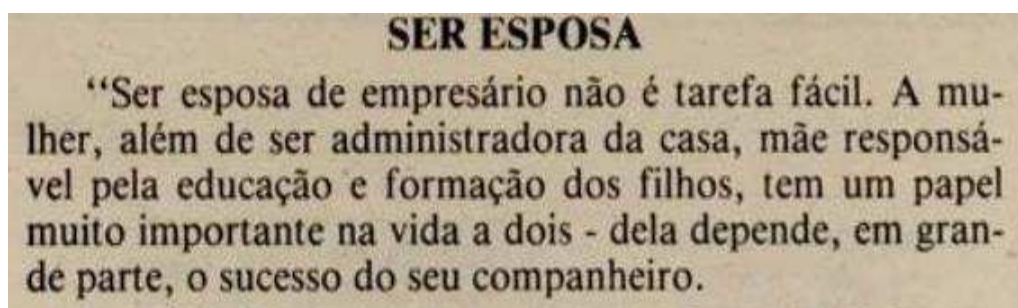
No início da Europa moderna, assim como em outros lugares e períodos, muitas vezes a mudança cultural foi mais aditiva do que substitutiva, especialmente nos primeiros estágios de inovação. Como foi mostrado, a velha mídia de comunicação oral e por manuscritos coexistiram e interagiram com a nova mídia impressa, assim como esta, hoje uma mídia antiga, convive com a televisão e a Internet desde o princípio do século XX – (BURKE, Peter e BRIGGS, Asa, 2006, p. 74).

A escrita jornalística deste modo acaba estabelecendo ordens de como cada indivíduo deve se adequar, além de impulsionar comportamentos que viram “moda”, e impulsionar papeis na sociedade que lutam para serem combatidos, a exemplo os papeis de gênero, nos questionando até onde a moral que está dentro desses jornais é capaz de ir para obedecer ao mercado e os grupos que os dominam (Sandel, 2009).

As elites dominantes utilizavam os jornais como uma ferramenta para moralizar e ditar o comportamento feminino. Através dessas publicações, buscavam controlar as normas sociais e manter as mulheres dentro de limites pré-estabelecidos pela moralidade vigente.

Jornais⁸ ⁹ e revistas, diariamente, veiculavam reportagens voltadas ao público feminino, reforçando constantemente os papéis tradicionais atribuídos às mulheres, como os de esposa, mãe e dona de casa. Essas narrativas consolidavam a visão de que o lugar da mulher era restrito ao espaço privado, perpetuando uma ordem social já estabelecida como por exemplo da figura abaixo, uma notícia do jornal “ O Pioneiro-RS”:

Figura 1 – Recorte de notícia do jornal “O Pioneiro”



Fonte: O Pioneiro, 17 de outubro de 1990. Disponível: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pasta=ano%20199&pesq=%22o%20papel%20da%20mulher%22&pagfis=142132>. Acesso em: 16 set. 2024.

A notícia publicada, no ano de 1990, traz consigo o papel de “esposa modelo” ao colocarmos em contraponto a mulher que não segue o modelo acima, seria menos valorosa? Ao colocar que a mulher é uma responsável direta pelo sucesso do marido sem levar em consideração o peso de carregar em suas costas a estabilidade emocional do parceiro, a estabilidade de sua casa e seus filhos, enquanto o marido está fora é totalmente desprezado. A mulher ao obedecer aos requisitos se forma consciente, ou não, apenas contribui para que outras que não seguem esse modelo, sejam muitas vezes rechaçadas. Não que servir sua casa, seja algo ruim, de forma alguma, quando se é feito de forma consciente, e não imposta, principalmente quando é para servir a uma visão

⁸ O Pioneiro, Rio Grande do Sul, 08.03.1990. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pasta=ano%20199&pesq=%22dona%20de%20casa%22&pagfis=133661>

⁹ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_11&pasta=ano%20199&pesq=%22o%20papel%20da%20mulher%22&pagfis=14399

patriarcal que de forma mais velada, ainda cobra a mulher um comportamento que respeite seus requisitos.

Um outro exemplo claro de como se propagou e comercializou o ideal de comportamento feminino na sociedade são os manuais de etiqueta e boas maneiras, como esse da figura abaixo:

Figura 2 – Só para mulheres



Fonte: Acervo da autora

Esses guias não tinham como objetivo a educação plena da mulher, mas sim moldá-la para melhor servir ao marido e à família, ignorando completamente seus desejos e ambições pessoais. Segundo a historiadora Jane Soares de Almeida:

Nos manuais não há referências à instrução escolar. Educadas eram as mulheres que sabiam receber convidados, obedecer ao marido, pais e irmãos, vestir-se adequadamente, cuidar bem da família, saber comportar-se em público. (SOARES, Jane, 2014, p.357)

A mulher do final do século XX e início do XXI vive entre dois mundos paralelos. De um lado, há o mundo tradicional, onde seu papel é limitado ao ambiente doméstico e ensinado desde a infância, impondo-lhe a responsabilidade de cuidar da casa e da família. Por outro lado, existe o mundo da liberdade feminina, possibilitado pelas conquistas das ondas feministas, onde a mulher pode buscar uma vida fora desses moldes tradicionais, exercendo sua autonomia e perseguindo suas próprias ambições.

As ondas feministas foram fundamentais para essa transformação. A primeira onda, no início do século XX, focou na conquista de direitos civis, como o voto e equivalência na cidadania (Saffiotti, 1986), enquanto a segunda onda,

nas décadas de 1960 e 1970, ampliou a luta para incluir direitos reprodutivos, igualdade no trabalho e a crítica ao patriarcado (Saffiotti, 2004). Essas lutas criaram novas oportunidades para as mulheres, permitindo-lhes desafiar as expectativas conservadoras. Assim, a mulher desse período navega entre as pressões de um passado conservador e as novas possibilidades trazidas pelas conquistas feministas. Conforme as cientistas sócias Olívia Cristina Perez e Arlene Martinez Ricoldi apontam:

O uso da ideia de ondas serve para organizar a realidade, apontando tendências do movimento feminista, mas não deve ser limitadora da sua análise, desconsiderando a trajetória, contradições e diversidade do campo social. (PEREZ, Olívia e RICOLDI, Arlene, 2019, p. 4)

Neste sentido, a ideia de ondas feministas ajuda a organizar o desenvolvimento do movimento, mas não deve restringir sua análise, já que desconsiderar a complexidade do campo social pode ocultar contradições e divergências, inclusive entre as próprias mulheres. Muitas vezes, influenciadas por normas culturais tradicionais e estruturas patriarcais, algumas mulheres podem reproduzir discursos machistas, mesmo sem perceber. Isso reflete o impacto de um processo social mais amplo, em que o machismo foi naturalizado e internalizado, criando padrões de comportamento que atravessam diferentes grupos sociais, independentemente de gênero. Assim, a análise do feminismo precisa reconhecer não apenas as lutas e conquistas, mas também os desafios internos, como a perpetuação de ideais patriarcais por mulheres, que são fruto dessas contradições históricas.

É válido salientar que o debate acerca do papel da mulher na sociedade já estava sendo discutido por diversas autoras, inclusive no Brasil. Então em 1990, o debate sobre o papel da mulher possuía uma gama de autores que podem corroborar sobre as conquistas da causa feminista, como as cientistas sociais Ana Carla Farias Alves e Ana Karina da Silva Alves explicam:

Os movimentos feministas conquistaram muitos avanços, principalmente no que se refere à entrada da mulher no mercado de trabalho e o acesso à cultura de um modo geral. Porém, as transformações sociais englobam várias dimensões da vida social, o que faz com que as mudanças tão almejadas ocorram de forma gradativa. Trata-se de uma luta pela liberdade, para além da equiparação de direitos, e pelo respeito à alteridade. (ALVES, Ana Carla e ALVES, Ana Karina, 2013, p. 119)

Desta forma, as conquistas feministas das últimas décadas, encararam juntamente com os discursos sobre o papel da mulher determinadas instabilidades do campo principalmente no debate que tange a definição em como se referir a esses estudos (Soihet e Pedro, 2007), tais discussões para definir qual melhor nomenclatura para incluir e especificar o ramo acaba por distanciar muitos que querem conhecer sobre, apesar das contribuições para as discussões teóricas.

Durante o debate sobre questões de gênero, a internet surge como um espaço de fuga para que diversos grupos expressem suas opiniões, muitas vezes sem embasamento ou conhecimento aprofundado. Como já mencionado, esse ambiente online possibilita a proliferação de discursos descompromissados, em que pessoas que desconhecem ou não têm acesso aos estudos de gênero perpetuam ideias ultrapassadas, especialmente sobre o papel da mulher. Essas opiniões, baseadas em estereótipos e visões conservadoras, acabam reproduzindo conceitos que não condizem com a realidade contemporânea.

No início dos anos 2000, os blogs emergiram como uma das principais ferramentas para a disseminação desses discursos. Funcionando como uma espécie de "quadro em branco", permitiam que os usuários escrevessem livremente sobre qualquer assunto, sem a necessidade de passar por filtros ou validações. Essa liberdade de expressão, embora positiva em muitos aspectos, também contribuiu para a amplificação de opiniões equivocadas e retrógradas sobre gênero, muitas vezes sem qualquer preocupação com a veracidade ou com o impacto social dessas reproduções.

No próximo capítulo vamos entender o que é o blog machismo esclarecido e como suas publicações podem impactar a aqueles que o consomem.

4 MACHISMO ESCLARECIDO: O APAGÃO DA SENSATEZ

O blog Machismo esclarecido foi fundado em agosto de 2010 e encontra-se ativo para acesso ainda nos dias de hoje, apesar de não possuir postagens recentes. Através das suas postagens o seu autor autointitulado de soldado, em sua primeira postagem, explica o porquê do nome machismo esclarecido. Ele se utiliza de um autor chamado Nessahan Alita, para justificar o uso dessas expressões, além de ter como guia um ex autor de blog, chamado de Silvio Koerich, que perdeu seu blog que possuía conteúdo bastante duvidoso chamado de “O Perdedor Mais Foda do Mundo”. Pelas palavras de Nessahan Alita, ele informa que defende o machismo, pois essa palavra não necessariamente estaria ligada a opressão, como as feministas imputam, mas está ligado a ser macho, e que os grupos feministas distorcem e fazem o imaginário das pessoas para que liguem essa palavra a algo mau.

O blog visa trazer depoimentos sobre como lidar com mulheres, transmitindo de forma arbitrária construções sociais e de gênero que ainda estão presentes no dia-a-dia, principalmente exaltando a tal aclamada, por ele e seus seguidores, masculinidade. As publicações são oriundas de diversos autores com pseudônimos distintos, como Doutrinador, The Truth, entre outros, possuem o mesmo teor, tentar entender as mulheres, e como elas podem ser destruidoras desse universo tradicional masculino.

O objetivo do blog segundo o Soldado, e em suas palavras é: “quero criar uma coletânea dos textos definitivos sobre como lidar com mulheres, relacionamentos e “coisas que as mulheres querem esconder dos homens””. Neste sentido ele segue inferindo, de que as mulheres iriam discordar dele, inclusive indicando um texto para desmascarar os argumentos feministas, além de colocar que a grande maioria das mulheres são vadias.

Em toda sua proposta o blog resume-se em atribuir as mulheres o papel de algozes na vida desses homens. Em todas as postagens evidencia-se a gana em culpabilizar as mulheres pelo fiasco em qualquer área de suas vidas. Nota-se a necessidade de afirmar a masculinidade em cada postagem e a objetificação da mulher é algo sempre permeia as linhas dos textos. É nítido que

seus pensamentos são frutos de uma sociedade patriarcal, e que elementos que explanam tais ideias, não souberam lidar com a afirmação da mulher em outros âmbitos que não o doméstico a seus serviços. A cientista social e professora Onilda Alves do Carmo, conceituou que tais homens estão enfrentando uma crise na masculinidade, em suas palavras

A chamada crise da masculinidade tem sido discutida no âmbito das relações de gênero, pois tem ocorrido de se tomar as conquistas das mulheres referentes a ocupação de outros espaços para além do âmbito doméstico, como o elemento desencadeador dessa crise. (CARMO, Onilda do, p.3, 2010).

Neste sentido, o blog aborda como lidar com as mulheres, como conquistar as mulheres, porém, fica nítido que caso essas mulheres não obedeçam ao padrão estabelecido como “aceitável”, são vistas como inimigas, e tudo que é feminino se torna alvo de chacota e ofensa.

A principal questão que permeia este blog é como os autores tentam impor sua visão de mundo. O blog Machismo Esclarecido sintetiza e explana o papel que cabe a mulher, ser subserviente, ser dona de casa, obedecer e ser orientada pelos homens de sua vida (De Albuquerque,1999) reforçando o padrão estabelecido do que é ser “homem”. Concatenando com o inferido por Durval Muniz, o historiador Sócrates Nolasco disserta:

Os padrões tradicionais definidos pelo modelo patriarcal para o comportamento masculino dissimulam as possibilidades do encontro nas relações sociais, pois definem que em uma relação, a priori, alguém ataca e alguém defende, alguém ganha e alguém perde. (NOLASCO, Sócrates, 1993, p. 43)

Desta forma, aquelas mulheres que fogem desse padrão, acabam sendo taxadas por adjetivos inomináveis, o que mostra que eles não têm problemas com mulheres autossuficientes, mas sim com sua própria masculinidade que está em crise. (Carmo, 2010).

4.1 MACHISMO ESCLARECIDO E A REPRODUÇÃO DA MISOGINIA

Proponho a discussão de algumas publicações do blog, ao longo de seus oito anos de existência, teve maior publicação no ano de 2012, os textos do blog datam dos anos de 2010,2011,2012,2013 e 2017. Como observado há um hiato de quase três anos que começa em 2013, onde houve a interrupção de postagens, e em sua volta em 2017 não houve a explicação do motivo das não postagens.

Apesar da breve análise que esse trabalho busca trazer sobre o blog, o mesmo teor é presente nas postagens, embora sejam escritos por distintos usuários, em sua maioria homens, que escrevem em busca da concordância de outros homens, mas que conseguem atingir inclusive mulheres, sendo assim corroborando com o pensamento de Almeida (2011) que os blogs podem ser escritos por uma ou mais pessoas. A cada análise de postagem e conhecendo como tais ideias apresentam um ideal de mulher retrógrado, esperava-se que na seção de comentários houvesse alguém que retalhasse tais postagens e conseguisse desenvolver um argumento que fosse de contra o que ali estava escrito, no entanto, ao analisar os comentários, e em algumas postagens há muitos, percebemos o quanto aquelas pessoas concordam com o que está escrito e que no mínimo mulheres viessem para discordar daquela misoginia escancarada, porém, isso não ocorre, apesar de poucos comentários femininos no blog, o que há são de acordo com o que está ali escrito. O que revela uma face cruel da sociedade machista, que é capaz de corromper suas vítimas, que ainda não se enxergam como tal, as fazendo apoiar discursos como o da postagem abaixo, onde um preconceito é incentivado e a exclusão parte não apenas dos homens, mas também das mulheres.

Figura 3: O por que você não deve casar com uma mãe solteira

Por que você não deve casar com uma mãe solteira e como identificar as estratégias delas para te laçar

5.7.12 | Marcadores: Capitão salva-putas, Como lidar com mulheres, Jogos femininos, Lado obscuro, Matrix, Mulher gosta de homem babaca, Silvio Koerich | 133 comments

por Silvio Koerich

Backup do blog do Silvio por Soldado



Homem Aranha se rendeu a minha virilidade e também aderiu à campanha "Mande uma mãe solteira tomar no cu".

Fonte: Blog Machismo Esclarecido, 2012. Disponível em: <https://machismoesclarecido.blogspot.com/2012/07/porque-voce-nao-deve-casar-com-uma.html>. Acesso em: 17 set. 2024.

Na postagem mencionada, o autor Silvio Koerich reproduz um preconceito antigo presente em nossa sociedade contra as mães solteiras – termo que, hoje, é mais apropriadamente substituído por “mães solo”. Em seu texto, ele expressa de maneira explícita sua repulsa a essas mulheres, alegando que, segundo ele, elas buscam apenas se aproveitar dos homens.

Para análise do blog além da postagem já citada, foram selecionadas publicações de cada ano de vigência do blog, como já citado o teor que consta em todas as postagens, é de transformar a mulher no algoz da história de vida desses homens. Um ponto importante a se observar nas postagens escolhidas é como a imagem da mulher está sendo representada, normalmente, em roupas que mostram partes do corpo, ou até roupas íntimas, para reforçar a imagem de que se a mulher se veste daquela forma, ela não é digna de receber a atenção daquele homem, que é virtuoso e patriarca.

A segunda postagem escolhida foi do ano de 2011 publicada em dezembro, traz a imagem abaixo

Figura 4- O sistema a favor das mulheres

O sistema está montado a favor das mulheres

22.12.11 | Marcadores: Capitão salva-putas, Matrix | 7 comments

por Jack Deth (Tenente Starbuck)

Comunidade O Homem Justo (atual Reflexões Masculinas)

Post original de 28/01/2009 excluído

Backup de 08/08/2009 por Reflexões Masculinas



Fonte: Blog Machismo Esclarecido, 2011. Disponível em: <https://machismoesclarecido.blogspot.com/2011/12/o-sistema-esta-montado-favor-das.html>. Acesso em: 17 set. 2024.

Evidencia-se no título da postagem e ao longo do texto que o autor do texto autointitulado de Jack Deth (Tenente Starbuck) coloca que a sociedade está voltada para atender os desejos das mulheres, segundo ele, no jogo da sedução entre homens e mulheres, é melhor para elas serem as esnobadoras, e elas são responsáveis em transformar os homens em objetos manipuláveis, pois dessa forma eles seriam capachos emocionais.

No texto o autor coloca que a maioria das mulheres não seriam capaz de conquistar um homem por medo da rejeição, pois segundo ele, as mulheres em sua maioria não possuem atributos para tal feito, não são bonitas e nem inteligentes para conquistar esse homem. Continuando sua explanação, ele infere que com o passar do tempo as mulheres não são desejáveis, o que acontece o contrário com os homens, pois mais velhos eles ganham mais dinheiro, tal afirmação apenas reforça a ideia de que mulheres procuram homens apenas pelo dinheiro, ou a ideia ainda pior que de elas não conseguem ter seu próprio dinheiro.

O autor do texto inclusive faz uma diferenciação importante, que os homens betas, que são aqueles homens que não são tão belos ou bem sucedidos a vista dos padrões da sociedade, estariam sempre dispostos a assumir essas mulheres que de acordo com seu pensamento estariam “fora do

mercado”, pois os homens alfas aqueles que obedecem os padrões instituídos para os homens na sociedade (Belo, ricos e bem sucedidos) estariam com as bonitas e inteligentes, tais betas seriam os “salva putas”, que segundo o autor, seria esse o motivo delas ainda estarem solteiras, pois escolheram demais, enquanto jovens. Pois para ele a figura da mulher sempre deve ser acompanhada de um homem para que ela seja validada perante a sociedade, independência e as conquistas das mulheres simplesmente foram desvalidadas por esse texto. Desta forma, Simone de Beauvoir afirma:

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. (BEAUVOIR, p.7, 1970)

A terceira postagem para análise é do ano de 2012, como já falado o ano de maiores publicações do blog, ao todo foram 80 posts neste ano, e em sua maioria exaltando e apontando como é ser “fácil” ser mulher, como pode ser visto abaixo

Figura 5 – A vida fácil da mulher

Como é a semana da vida fácil da mulher moderna

29.11.12 | Marcadores: Destruindo mentiras, Machismo e feminismo, Silvio Koerich | 16 comments

por Silvio Koerich

Esixe aqui o backup completo do blog O Perdedor Mais Foda do Mundo



A mulher moderna atual tem uma vida fácil, simples, com privilégios nunca antes visto por nenhum animal ou mesmo reis, rainhas e homens-deuses egípcios, romanos e gregos do passado. Eu vou **ESCANCARAR** a realidade da facilíma vida da mulher moderna para que tu **PARES** de ser um babão defensor de mulher e que fica dando **AINDA MAIS PRIVILÉGIOS PRA ELAS**, seu merdão canalha.

Fonte: Blog Machismo Esclarecido, 2012. Disponível em: <https://machismoesclarecido.blogspot.com/2012/11/como-e-semana-da-vida-facil-da-mulher.html>. Acesso em: 17 set. 2024.

No trecho do texto, o autor Silvio Koerich anuncia que discutirá os supostos privilégios da mulher moderna, explorando situações hipotéticas e deliberadamente exageradas. Ele apresenta um cenário fantasioso no qual as

mulheres teriam homens à disposição para executar suas tarefas, como fazer trabalhos acadêmicos ou assumir responsabilidades no ambiente profissional, onde alegadamente seriam menos cobradas por sua condição de gênero.

O autor da postagem, identificado como Silvio Koerich foi um blogueiro catarinense conhecido na blogosfera, que falava num estilo irônico e sarcástico sobre relacionamentos e "mentiras que as mulheres contam", mas que foi banido da plataforma devido suas postagens infringirem as normas estabelecidas, nesta publicação utiliza um tom sarcástico ao se referir à mulher moderna como uma "heroína". Segundo ele, as atividades dessas mulheres limitam-se a frequentar academias e tirar fotos, enquanto os homens estariam sempre disponíveis para realizar suas obrigações e custear suas despesas. Evidencia-se a frustração do autor em suas palavras, pois a autonomia feminina parece ameaçar sua masculinidade. Sua convicção de que cada indivíduo deve desempenhar um papel fixo na sociedade desmorona diante das conquistas daqueles que lutam, sobretudo, contra o machismo enraizado, doentio e opressivo. Conforme Mary del Priore afirma:

O crescimento de mulheres no mercado de trabalho, o progresso científico, a contracepção, a liberação dos costumes e o divórcio mudaram definitivamente a cara do casamento e família. Acabou-se o tempo em que cada um dos parentes defendia um papel social definido, fixo. (PRIORE, Mary del, 2020, p. 235).

Neste sentido, como já mencionado, o objetivo específico deste blog não é sugerir que os homens possam não oprimir as mulheres. Pelo contrário, o viés do blog deixa claro justamente essa perspectiva, o que se torna ainda mais evidente nas postagens subsequentes. Na imagem abaixo, uma publicação de 2013, o autor Silvio Koerich, dispara seu ódio contra as mulheres, a misoginia explícita escancara seu sentimento reprimido.

Figura 6- Hipocrisia das mulheres

Como você pode combater o feminismo e a hipocrisia das mulheres

16.7.13 | Marcadores: Capilão salva-putas, Como lidar com mulheres, Destruindo mentiras, Machismo e feminismo, Mulher gosta é de homem babaca, Silvio Koerich | 16 comments

por Silvio Koerich

Backup do blog do Silvio por Soldado



Fonte: Blog Machismo Esclarecido, 2013. Disponível em: <https://machismoesclarecido.blogspot.com/2012/07/como-voce-pode-combater-o-feminismo-e.html>. Acesso em: 17 set. 2024.

No texto dessa publicação, ele tem como seu alvo mães solteiras (mães solo, no atual contexto é o termo que se encaixa melhor). Em suas palavras “O feminismo e a mídia exaltam as mães solteiras como vencedores, guerreiras e não como uma praga que está destruindo a próxima geração de crianças”.

Prosseguindo suas ofensas, no mesmo texto ele descarta o casamento, pois em sua opinião é apenas uma transferência de riqueza do homem para mulher. O que nos leva a refletir, que em sua cabeça é impensável que a mulher tenha a possibilidade de ganhar mais que o homem, e que todas as mulheres são seres interesseiros. Ele continua orientando aos homens que mantenham relações sexuais com as mulheres que na sua visão são promíscuas, ou seja, a maioria das mulheres atualmente não seguem os padrões tidos como tradicionais, logo, se seguirmos sua teoria, a grande maioria não é digna de ter um homem como ele ao seu lado.

Ele continua reproduzindo misoginia em cada linha de seu texto, orientando os homens a não contratarem mulheres apenas por serem mulheres. Seguindo a mesma lógica que mencionei anteriormente, ele parte do pressuposto de que as mulheres não podem ser competentes o suficiente para ocupar determinados cargos. Suas alegações e linguagem vulgar desmerecem uma luta que se estende por décadas, ignorando a história de mulheres que batalharam para conquistar o direito de exercer profissões antes reservadas

exclusivamente aos homens. Em sua imagem estigmatizadora, as mulheres são contratadas apenas por seu gênero, pelo interesse de um chefe, ou simplesmente para preencher uma cota de minoria. Contrariando seu raciocínio as mulheres não são minorias, e são tão capazes quanto qualquer homem, como informa autora Naomi Wolf:

A discriminação pela beleza se tornou necessária, não pela impressão de que as mulheres ficariam sempre aquém do esperado, mas, sim, pela impressão de que elas seriam, como vem sendo, ainda melhores. E a rede de corporativismo masculino enfrenta neste grupo de “imigrantes” um monstro em escala muitíssimo maior do que os que atribui a outras minorias étnicas, porque as mulheres não são uma minoria. Por somarem 52,4% da população, elas compõem a maioria. (WOLF, Naomi, 2023, p. 41).

“Imigrantes” é essa a palavra que a autora Naomi Wolf utiliza para descrever a entrada da mulher no mercado de trabalho. Analisando essa analogia à luz do verdadeiro significado do termo, podemos levantar algumas teorias e conectá-las ao debate em curso. Imigrantes, em tempos de crise nos países que os acolhem, costumam ser os primeiros a serem atacados, frequentemente acusados de “roubar” empregos dos nativos. Ao atribuir essa característica às mulheres, Wolf evidencia a crise de masculinidade que abalou uma geração de homens não acostumados à presença feminina no ambiente profissional. Os ataques às mulheres, ou a qualquer manifestação do feminino, são fruto do mito da virilidade imposto aos homens, levando-os a legitimar a opressão entre si e a estender essa violência também às mulheres (Del Priore, 2023).

Prosseguindo com seus trabalhos até o ano de 2013, o blog mantinha um fluxo considerável de publicações, mas, sem qualquer explicação, as postagens foram abruptamente interrompidas. O motivo desse “hiato” de quase três anos não é explicitado, mas é possível associar seu retorno em 2017 ao contexto social e político do Brasil naquele período.

Em 2016, a então presidenta Dilma Rousseff sofreu um impeachment que a retirou da presidência do Brasil. Durante esse processo, ataques misóginos à sua figura se tornaram frequentes, e o enunciado “Tchau, querida”, adotado pelos apoiadores do impeachment, tornou-se um símbolo daquele movimento, viralizando nas redes sociais. Considerando o clima hostil que predominava no país e a ascensão de uma onda conservadora, não apenas no Brasil, mas em

diversas partes do mundo, o blog retomou suas atividades em 2017. Esse retorno ocorreu em um cenário favorável para a disseminação de ódio e desinformação, especialmente quando, no ano seguinte, slogans, anúncios e propagandas como "pátria, família e Deus" ganharam força nas redes sociais como nunca antes, propagando projeto da ultradireita na sociedade e nação.

Então em 2017, o blog retorna com suas postagens, mas absurdas do que nunca, mas claro sem perder seus traços de misoginia, a publicação escolhida para análise, evidência o caráter odioso as mulheres, e explícita aquela velha frase, "os homens podem tudo, as mulheres pouco podem".

Figura 7 – Instintos masculinos

Os 5 principais desejos e instintos masculinos

24.6.17 | Marcadores: Apego, Como lidar com mulheres, Lado obscuro, Matrix, Miguxos, Nessahan Alita | 8 comments

por Soldado

Texto baseado em Nessahan Alita.

Este texto relaciona 5 dos principais desejos e instintos *masculinos*, e se contrapõe ao texto "Os 6 principais desejos e instintos *femininos*".

"O homem nasce da vitória sobre o animal, sobre o instinto. Vencer o instinto não é enfraquecê-lo ou suprimi-lo, mas dominá-lo, transcendê-lo, dirigi-lo e usá-lo em nosso favor. Em uma palavra: assimilá-lo." (Nessahan Alita)



Fonte: Blog Machismo Esclarecido, 2017. Disponível em: <https://machismoesclarecido.blogspot.com/2017/06/os-principais-desejos-e-instintos.html>. Acesso em: 18 set. 2024.

Nesta publicação, fica evidente a naturalização da ideia de que os homens podem ter mais de uma parceira, revelando a supremacia masculina presente no blog. Em muitas postagens, o principal motivo para atacar as mulheres é

justamente o fato de elas terem uma vida sexual ativa. A imagem escolhida, como tantas outras espalhadas pelo blog, reforça o caráter fetichista dos que escrevem essas publicações, retratando um homem entre duas mulheres de biquíni. Essa representação explicita a objetificação do corpo feminino, sem considerar as consequências que essa visão pode gerar para outras pessoas.

No texto dessa postagem, o autor, identificado como Soldado, encoraja os homens a seguirem seu suposto instinto de proteger seus genes, afastando possíveis parceiros melhores de suas companheiras. Ele também defende que os homens não deveriam se envergonhar de serem chamados de ciumentos, pois estariam apenas agindo de forma instintiva e territorialista. O autor promove a visão de tratar as mulheres como objetos ou propriedades, e incentiva os homens a fazerem o mesmo, correndo o risco de que muitos homens levem esse comportamento ao extremo. No Brasil de 2024, a morte de mulheres (feminicídio) motivada por ciúmes, relações de dominação, controle e abuso de poder evidencia os perigos dessa mentalidade.

No blog Machismo Esclarecido, em toda sua integridade, fica explícito a violência de gênero digital. A violência digital nada mais é, que a utilização de meios cybers, para reproduzir xingamentos, intimidações, ataques, preconceitos, etc. Esses cybers ataques, são apenas consequências de uma cultura patriarcal, que segue a ótica judaico-cristã que coloca o que ou quem vai contra aos padrões validados por décadas como algo ou alguém inferior, emergindo os agressores a um patamar de superioridade social. A esfera digital entregou confiança para que os algozes que se escondem por trás de uma tela, se sintam livres em explanar o ódio que desejam e como desejam. Segundo Barros (2022) as redes sociais são espaços onde poderes se encontram e preconceitos afloram.

Durante o tempo de publicações, a legislação brasileira avançou sobre esse tema. O direito digital ganhou forma para aquelas pessoas que foram e são vítimas diariamente de qualquer forma de violência cibernética. Em 2012, por exemplo, o ano com maior número de publicações, o Brasil aprovou a lei nº 12.737/2012 mas conhecida como Carolina Dieckmann, que visa a proteção para as vítimas que possuem seus aparelhos invadidos e tem seus dados vazados. Em 2014 a lei nº 12.965/2014 ou Marco Civil da Internet entra em vigor estabelecendo direitos e deveres para os usuários e provedores de internet.

Essas leis ainda foram seguidas da lei nº 13.185/2015 ou Lei Anti-Bullying que protege crianças e adolescentes de práticas prejudiciais oriundas na internet, e da lei nº 13.709/2018 ou Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD), que visa a proteção de dados pessoais e sigilosos.

A imprensa a cada dia denuncia essas formas de preconceitos e como combatê-las, fazendo com que a informação circule e chegue ao alcance da grande maioria dos cidadãos. Diversas áreas como o direito, a história, a sociologia, etc, começam a desenvolver trabalhos acadêmicos que alicerçam a narrativa para o enfrentamento desses preconceitos e nas novas formas que eles se reproduzem.

Além disso, diversas ongs e plataformas surgiram para auxiliar as vítimas de violência digital, são elas a SaferNet Brasil, a organização conta com um canal de denúncia e outro de ajuda. O Helpline oferece orientação de forma online e gratuita para esclarecer dúvidas sobre segurança na internet e como prevenir riscos e violações, como intimidação, humilhações (cyberbullying), troca e divulgação de mensagens íntimas não-autorizadas (sexting ou nudes), encontro forçado ou exposição forçada (sextorsão), entre outras violências. A ONG, Marias da Internet, Fundada pela jornalista Rose Leonel após ter sido vítima violência de gênero online, a ONG oferece apoio psicológico e jurídico a mulheres vítimas de crime cibernético. A plataforma Mapa do acolhimento que conecta mulheres que sofrem ou sofreram violência de gênero a uma rede de terapeutas e advogadas dispostas a ajudá-las de forma voluntária. A ONG TamoJuntas que presta assessoria multidisciplinar (jurídica, psicológica, social e pedagógica) gratuita para mulheres em situação de violência e por fim a Proteja Brasil, criado pela UNICEF que atua em denunciar violências digitais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho foi possível entender como algo tão corriqueiro como a internet, tornou-se essa ferramenta armazenadora de fontes infinitas trazendo grandes possibilidades para a historiografia contemporânea. Contudo apesar dos grandes avanços do campo historiográfico, a História Digital ainda enfrenta grandes obstáculos para se estabelecer e ser reconhecida.

A história digital está vinculada a Revolução Digital que revolucionou o cotidiano da sociedade e lançando luz em como ocorreu as revoluções passadas. As aglutinações de eventos causados por essas revoluções foram aproveitadas nas que viriam posteriormente fazendo com que formassem uma corrente que se interligassem. A mais recente revolução, a digital, traz consigo as demais, a agrícola, a urbana e as industriais, todas responsáveis por modificar à sua maneira a vida em sociedade.

No que concerne ao conceito de “documento” para historiografia, visualizamos sua modificação para que nele, fossem inseridos elementos que antes eram renegados, como por exemplo, o blog que foi analisado. A partir dessa nova modelagem, do que é um documento os materiais oriundos da internet puderam ser considerados fontes propícias para os estudos historiográficos, resvalando principalmente na Revolução da Comunicação, que foi responsável por permitir que novos meios de comunicação fossem possíveis.

Desta forma, entrelaçamos a história digital e a revolução das comunicações com as relações de gênero e da violência digital revelando como as construções sociais têm profundas raízes históricas, que perpetuam desigualdades e opressões (Butler, 2023). Evidenciou-se que apesar dos avanços conquistados pelos movimentos feministas ao longo das décadas, ainda enfrentamos um contexto em que a violência de gênero, agora também manifestada no ambiente digital, continua a refletir um machismo arraigado na cultura.

A educação feminina historicamente limitada e a propaganda de ideais patriarcais foram reforçadas por instituições, como a Igreja e a mídia, que moldaram o comportamento feminino e validaram a subordinação das mulheres.

Com a ascensão da internet, novas oportunidades surgiram para desafiar esses padrões, mas, simultaneamente, também emergiram novas formas de violência, como a violência digital, que são um reflexo da misoginia vigente. O uso de discursos misóginos nas redes sociais mostra que a luta pela igualdade de gênero ainda é uma batalha constante e necessária, onde os estereótipos e a opressão continuam a ser disseminados, agora de forma virtual.

As contribuições de historiadores e cientistas sociais enfatizam a necessidade de reconhecer não apenas as conquistas, mas também as contradições que persistem dentro dos próprios movimentos feministas. Muitas vezes, mesmo as mulheres podem reproduzir discursos machistas, evidenciando a complexidade das relações de gênero e a internalização de normas patriarcais.

Assim, a continuidade das discussões sobre gênero e a promoção de uma educação crítica se tornam essenciais para desconstruir padrões arcaicos e construir uma sociedade mais igualitária. O papel da internet nesse processo é duplo: um espaço de liberdade e expressão, mas também um campo de luta contra a desinformação e a violência, tornando a caixa de Pandora.

Neste trabalho, então nota-se que apesar dos esforços travados pelas mulheres, a internet ainda pode se tornar um lugar onde sua fala, seu corpo e mente podem ser reprimidos. Estereótipos ainda as perseguem e anulam seus anseios.

O teor das postagens do Blog Machismo esclarecido, demonstram o anseio de tais homens em ditar como as mulheres devem agir, pensar e falar. Ao querer impor sua virilidade, apenas mostram como sua masculinidade pode vir a ser um traço frágil, e que está em crise. Suas críticas ao tentar impor sua visão de mundo as mulheres apenas servem para segregar e incentivar o ódio as mulheres e ao feminino.

Tais materiais fomentados pelo Blog Machismo Esclarecido, são apenas a ponta do iceberg, porém, como tantos outros materiais oriundos da internet possuem a força de incentivar e influenciar indivíduos na sociedade. Por isso, que com o avanço da internet legislações não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro foram criadas como forma de barrar crimes cibernéticos e a violência gerada via web.

Contudo, apesar das jurisprudências criadas não impediram de autores do blog Machismo Esclarecido disseminar seu ódio e falácias nas redes. Visando a proteção dos indivíduos contra a violência digital, é crucial novamente citar os meios de ajuda que surgiram para acolher essas vítimas ou possíveis vítimas estão ao alcance da população, como o Safernet Brasil, que atua tirando dúvidas e auxiliando sobre como prevenir os riscos e a violência digital, e o Proteja Brasil, criado pela UNICEF que atua em denunciar violências digitais e outras diversas ONG's citadas ao longo do texto,

Ao longo dos três capítulos consideramos que o problema proposto, de como um meio de comunicação oriundo da internet pode ser reprodutor de preconceitos, foi elucidado. Através de suas postagens, percebemos que o ódio reproduzido segue o viés do patriarcado que ainda está e nossa sociedade e está nos meandros da internet.

Por fim, espera-se que este estudo inspire todos aqueles que se interessam pela intersecção entre história digital e gênero a aprofundar suas pesquisas e a explorar novas questões além construir formas e caminhos de denúncia, enfrentamento e combate a todas as formas de violências, em especial, de gênero.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres**. IV Seminário CETROS, 2013.

BARROS, José D.'Assunção. **Fontes Históricas:: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos**. Cadernos do tempo Presente, v. 11, n. 02, p. 03-26, 2020.

BARROS, José d'Assunção. **Historia Digital - A historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Editora Vozes, 2022.

BEAUVOIR, Simone. A mulher independente. In: **O segundo sexo II: a experiência vivida**. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 1970: Vozes, 2009. p. 186-214.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República,. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 12 set. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.

CARMO, Onilda Alves do. **Os homens e a construção e reconstrução da identidade de gênero**. Proceedings of the 1nd Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca, 2010.

DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. "Quem é froxo não se mete": violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História**, v. 19, 1999.

DE ALMEIDA, Fábio Chang. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Revista Aedos**, v. 3, n. 8, 2011.

DE ALMEIDA, Jane Soares. **Mulheres no cotidiano: educação e regras de civilidade (1920/1950)**. Dimensões, n. 33, p. 336-359, 2014.

DE ALVARENGA BARROS, Arthur; DO CARMO, Michelle Fernanda Alves; DA SILVA, Rafaela Luiza. A influência das redes sociais e seu papel na sociedade. In: **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**. 2012.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

DEL PRIORE, MARY. Sobreviventes e guerreiras. **Uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Planeta, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. Editorial Presença, 2013.

HOBBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques et al. **História e memória**. 1992.

MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher é uma degenerada**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34, 2010.

NOLASCO, Socrates Alvares. **O mito da masculinidade**. Rocco, 1993.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. **A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva**. In: Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP). 2019.

SAFFIOTI, Heleieth B. Feminismos e seus frutos no Brasil. In: SADER, Emir (Org.). **Movimentos sociais na transição democrática**. São Paulo: Cortez, 1986.

SAFFIOTI, Heleieth; Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Editora Record, 2018.

